



# **ORIGEM DO PROTESTANTISMO**

**COSTA DUCLERC**

**ANTÔNIO CORRÊA SOBRINHO**





Coriolano Costa Duclerc - foto extraída da Internet



Coriolano Costa Duclerc, foto extraída do “O Explendor da Caminhada”, de Sandra Maria Natividade.

# APRESENTAÇÃO

A pesquisa histórica mais das vezes leva o pesquisador, involuntariamente, a situações, fatos e lugares até então não desejados. Foi o que aconteceu comigo.

Envolvido com as velhas páginas do extinto jornal sergipano, *Correio de Aracaju*, identificando crônicas do jornalista Zózimo Lima, para consolidação da sua obra, defrontei-me, quando em contato com as publicações de fevereiro e março de 1930, com o texto “ORIGEM DO PROTESTANTISMO”, publicado em oito edições, um misto de ensaio e contestação, assinado pelo pastor batista COSTA DUCLERC.

Como se vê, é obra quase centenária, porém, daquelas lidas por alguns, quando da circulação dos jornais que as publicam e, depois, somente por raros frequentadores de hemerotecas. Uma obra praticamente desconhecida na atualidade.

“ORIGEM DO PROTESTANTISMO” é uma defesa de princípios doutrinários e de pensamentos dos protestantes em geral; uma reação à intolerância praticada por clericais e fiéis católicos à fé e ao direito destes, crentes evangélicos.

Duclerc, nesta sua contestação, defende o PROTESTANTISMO das alegações do padre Moisés Ferreira, por este apresentadas em conferência na cidade sergipana de Estância. Eram os primeiros tempos dos evangélicos no Brasil, a exemplo dos batistas, em Sergipe, a partir de 1913.

A justificação pela fé e a Bíblia como única fonte de autoridade divina, são fundamentos do PROTESTANTISMO. Por consequência, a negação da autoridade papal, principalmente, resultou, naqueles tempos, em constantes e calorosos debates, embates, confrontos, desavenças, entre católicos e protestantes. O CATOLICISMO, não obstante a laicidade do Estado Brasileiro, decretada por lei em 1890, condição garantidora do direito à liberdade de crença e de proteção desta liberdade, manteve-se na prática como religião oficial do Brasil: hegemônica, forte e poderosa. Protestantes, mais das vezes, eram tratados de “infelizes, apóstatas, vendidos ao dólar americano, escravo da concupiscência carnal, bode, servo de satanás, discípulo de Judas”, entre outros depreciativos, sem mencionar as perseguições e violências físicas por estes sofridas. Hoje, graças a Deus, católicos e protestantes vivem em relativa paz.

Cumpre-me, aqui, dizer da importância do extinto *CORREIO DE ARACAJU*, por sinal, uma das razões que me levaram a organizar este importante trabalho de Costa Duclerc. Dizer, em homenagem, que este jornal sempre deu espaço à boa literatura, ao bom artigo doutrinário, aos mais variados tipos de comentários, sem fazer acepções nem distinções, a exemplo dos protestantes, que em suas páginas tiveram o espaço tão necessário quanto oportuno à divulgação dos seus preceitos e bases doutrinárias. Co-

Costa Duclerc, seu nome completo, mesmo, ele que, enquanto ministro do evangelho em Sergipe, colaborou com o saudoso *Correio de Aracaju*, diz no seu artigo, “JORNALISMO QUE SE IMPÕE”, cuja íntegra reproduzi no final deste livro, da importância deste periódico na divulgação do pensamento evangélico, ao concluir: “Daí a razão por que há órgãos de imprensa que são mais simpatizados e largamente circulados do que outros; por isso que o bem que fazem à sociedade, com a sua atuação benemérita, constitui o mais formoso laurel que cinge a fronte serena e límpida dos seus abnegados e liberais obreiros. Este, a meu ver, é o jornalismo que se faz no *Correio de Aracaju*, por cuja causa deponho aos pés dos seus ilustrados diretores o preito espontâneo da minha homenagem e admiração sinceras”.

Coriolano Costa Duclerc, seu nome completo, conforme leio em *O Esplendor da Caminhada – Síntese Histórica da Primeira Igreja Batista de Aracaju*, de Sandra Maria Natividade, era um reverendo experimentado, com passagens pela Igreja Batista, em Pernambuco, Piauí e Bahia; um pregador talhado para a proclamação do evangelho de Jesus Cristo. Era o evangelista oficial que interligava os estados de Alagoas e Sergipe. Assumiu oficialmente a liderança da Primeira Igreja Batista de Aracaju, onde permaneceu por aproximadamente cinco anos, de 1934 a 1939, mas desde 1925 capitaneava o evangelismo batista em Sergipe.

Duclerc foi casado com a senhora Dulce Madureira Duclerc. Dois dos seus filhos foram: Israel Madureira Duclerc e Ivanda Duclerc Poling. O pastor Duclerc morreu em 19 de julho de 1962. Vivia em Recife, na rua Martins Ribeiro, 57, no Hipódromo.

Coriolano Duclerc, sem dúvida, foi um dos notáveis evangelistas batistas do Brasil.

Texto que resgato para ser lido e considerado.

Finalizo agradecendo ao meu filho Thiago Corrêa, pela capa e editoração.

Aracaju/SE, dezembro de 2024.

Antônio Corrêa Sobrinho

# ORIGEM DO PROTESTANTISMO

## EM LEGÍTIMA DEFESA

Após a minha estada em Estância, chamado por *monsieur* Vitorino, para pregar naquela cidade, lá esteve, também, o Sr. padre Moisés Ferreira, desta capital, que fez quatro conferências na igreja matriz sobre temas de teologia católica.

Mas Sua Reverendíssima não se limitou, como eu lá fiz, pregando na igreja presbiteriana, em relação à Religião Evangélica, a pregar apenas sobre dogmas da sua igreja, investiu, de lança em riste, furioso, contra o Protestantismo, dizendo da Religião Evangélica o que Mafoma nunca jamais do toucinho.

Não é uma polêmica que pretendo encetar com Sua Reverendíssima para o que me falta tempo, mesmo porque a experiência me convence de que as controvérsias, pouco ou nenhum proveito trazem aos contendores. Mas uma defesa impõe-se à dignidade da Religião Evangélica, para que não se diga que não tem quem lhe defenda os postulados doutrinários, no cenário onde se propaga.

Entre muitas outras coisas que S. Revma. disse contra o Protestantismo, destaca-se esta afirmação, proferida numa de suas primeiras conferências.

– “O protestantismo foi fundado por Lutero, por isso que sendo uma doutrina é uma nota falsa, sendo a Religião Católica a verdadeira, por ter sido fundada por Jesus Cristo”.

E com essa declaração, que não expressa, absolutamente, a verdade teológica e histórica, S. Revma. pretendeu descarregar um golpe de morte na Religião Evangélica, ainda em começo de propaganda em nosso meio.

E, com efeito, de posse dessa premissa, S. Revma., imaginando-se triunfador como quem descobriu a pólvora, em todas as suas demais conferências na matriz de Estância, assistiu às baterias de sua eloquência teológica contra “as frágeis fortalezas do Protestantismo”, supondo ter conseguido abrir pela base o edifício multissecular da Religião Evangélica.

Puro engano de Sua Reverendíssima.

Aquela sua tão fanfarrona declaração não resiste a mais insignificante análise racional.

Aliás – digamos de passagem –, não é para admirar essa preocupação clerical, essa quase obsessão contra o Protestantismo, pois não é somente S. Revma., aqui em Sergipe, que afina por esse diapasão, deblaterando contra o espantinho da pregação do Evangelho, como se ela fosse a pior calamidade regional, que nos atormenta.

Outros ilustres colegas seus, aqui como em toda parte do Brasil não trepidam em comprometer a sua reputação intelectual, fazendo a mesma afirmação, em cada oportunidade que se lhes depara e a qualquer propósito.

Mas a chapa é já por demais sovada, excessivamente batida. Vem de longe essa cantilena sobre a origem do Protestantismo. Ela tem sido a *Delenda Cartago* do clericalismo, desde a Reforma Religiosa na Europa, em 1517.

E o povo, que quase nada sabe de religião e mui pouco entende de história e eclesiologia, vai ouvindo o velho estribilho deprimente da honorabilidade da Religião Evangélica, convencido de que nós somos a mais acabada encarnação da “heresia”, por isso que não recebemos a menor consideração social.

É preciso, porém, de uma vez para sempre desfazer o prestígio infalibilista de semelhante realejo, cuja música, aparentemente tão sonora, já não mais entoa nos ouvidos dos que possuem verdadeira cultura histórica e melhor conhecimento teológico.

Não contestamos, entenda-se bem, o direito que tem os nossos adversários em crenças religiosas de nos combater, no terreno luminoso das ideias e do pensamento, combate que até almejamos, pois nós mesmos, democratas por índole e por princípio, usamos das mesmas prerrogativas em relação às crenças deles.

Mas reclamamos a lealdade de cavalheiros cristãos nessa batalha incruenta. Combata o clero o Protestantismo com as armas da Verdade Pura e não com o sofisma de chicanismo filosófico ou teórico, que não resiste à menor refutação da razão esclarecida.

Senão vejamos a que fica reduzido o argumento de S. Revma. feito na matriz de Estância.

Certa vez – diz-nos provector historiador –, quando reinava na Inglaterra Isabel, a Grande, notável embaixador britânico fora enviado a Roma, a negócios com Sua Santidade, o papa. Logo ao ser o embaixador inglês recebido no Vaticano, o cardeal diplomata da Santa Sé, em conversa com o representante da velha Albion, naquele tempo já quase toda conquistada pela Religião Evangélica, perguntou-lhe, a queima roupa:

– “Onde estava a vossa religião antes de Lutero?”

Sem titubear, o diplomata inglês respondeu, rindo-se da ingenuidade clerical: – “Nas masmorras da Vossa Santa Inquisição!” Ora, a inquisição, diz-nos Maurice Lachâtre, na sua História dos Papas à pág. 397, vol. II, foi fundada pelo papa Inocêncio III no princípio do século XIII, no ano de 1215, para destruir os albigenses e os valdenses, que eram numerosos no sul da Itália e no norte da França, assim como em quase toda a Europa contemporânea.

Os historiadores mais sisudos afirmam, com as provas mais irrefutáveis, que aqueles mártires, aqueles dissidentes do Catolicismo, destruídos pela fúria sanguinária do suposto sucessor de São Pedro – “*eram evangélicos puros, crentes fiéis nas Sagradas Escrituras*”, em virtude de cuja fé rejeitavam a autoridade do papa e todas as demais inovações da Igreja Romana, por isso que foram quase completamente massacrados.

Entretanto, a História nos afirma que a Reforma Luterana na Alemanha começou em 31 de outubro de 1517, com o protesto das 95 teses ou proposições contra o mercantilismo das indulgências, praticado por João Tetzel, enviado do papa Leão X, pregadas nas portas da Catedral de Wittenberg, portanto, 292 anos depois da inquisição papal.

Se, pois, já havia evangélicos, dissidentes do Catolicismo, protestantes contra as inovações romanistas antes de Lutero, como afirmam o Sr. padre Moisés Ferreira e os seus colegas, que o Protestantismo foi fundado por Lutero?!”

Não, senhores da Cúria Romana! Suas Reverendíssimas enganam-se ou fingem-se enganar redondamente.

– “Então, qual é a origem da religião protestante, visto que a católica é que é a verdadeira?” – perguntar-me-eis, talvez admirados pela nossa argumentação.

Respondo-vos, contando-vos um caso assaz interessante.

Um sujeito, metido a crítico, certa vez fez a um homem do povo a seguinte pergunta, exigindo logo resposta satisfatória: “Onde estava vossa cara antes de lavada?”

Sem vacilar, o interessado respondeu: – “No mesmo lugar onde sempre estive, isto é, no meu próprio corpo, precisamente onde a vossa não estava.”

Pois esta é a nossa resposta quanto à origem da Religião Evangélica. Ela nada tem de Lutero. Antes de Lutero, já a Bíblia existia. Pois a Religião Evangélica tem o seu fundamento na Bíblia, a palavra de Deus, precisamente onde não encontra apoio a Igreja Romana. E se a Bíblia é a palavra de Deus, de Jesus Cristo e dos apóstolos, como tem demonstrado seguramente a crítica científica mais rigorosa, então, concludente, a Religião Evangélica foi fundada por Jesus Cristo e não por Lutero.

## **“Porque nada podemos contra a verdade, senão pela verdade” – São Paulo (II Coríntios XIII, 8).**

Hoje em dia, para muita gente que de religião não entende patativa, “catolicismo” é sinônimo de Cristianismo, assim como “protestantismo” é sinônimo de ateísmo. Mas é fato que não teme desafio a investigação histórica – que nos tempos apostólicos não havia catolicismo nem protestantismo. Estas denominações modernas, com que se classificaram as seitas religiosas, são puras invenções da impiedade, da rebelião e da ignorância. Logo, não é verdade o conceito da sinonímia católica. Pode-se crer em Deus sem ser católico romano.

O Dr. Antônio José de Almeida, ex-presidente da República Portuguesa e um dos espíritos mais cultos da Europa contemporânea, morto há pouco tempo, antes de render o espírito ao Criador, disse à sua esposa e amigos, que o cercavam no seu leito de moribundo:

– “Morro cristão, porém não católico. Não levo ódios de ninguém”.

Jesus Cristo não fundou outra coisa senão a Religião Evangélica, tal como se encontra no Novo Testamento (São Marcos I, 15; XVI, 15, 16).

E a História nos diz, que até o meado do primeiro século de nossa era, os cristãos apostólicos, isto é, aqueles que vieram em linha direta de Jesus Cristo, não eram conhecidos senão pelos títulos de “nazarenos”, e “discípulos”, e “crentes”, e “santos”, qualificações estas aplicadas por eles próprios, uns aos outros.

O termo “cristão” só veio aparecer, pela vez primeira, na cidade de Antioquia, da Síria, aplicado pelos inimigos do Evangelho aos numerosos seguidores de Jesus, que ali habitavam (Atos dos Apóstolos XI, 26). E a razão da aplicação desse novo título aos seguidores do Divino Salvador dos homens, naqueles tempos primitivos, foi muito simples e natural.

Presos pelo atavismo do hábito judaico à Lei de Moisés e não lhe compreendendo bem a hermenêutica, à luz da nova fé evangélica, os apóstolos e os primitivos adeptos de Cristo, conservaram-se, visceralmente, ligados ao sistema obsoleto do Velho Testamento, esforçando-se por guardar o “vinho no do Evangelho nos odres velhos” e abolidos da Religião Mosaica.

Entretanto, Jesus Cristo havia dito, peremptoriamente:

– “Não se deita vinho novo em odres velhos; mas deita-se o vinho novo em odres novos” (São Mateus IX, 17). E ainda mais: – “Quem não nascer de novo, não entrará no reino de Deus” (São João III, 3).

E as profecias que anteciparam o advento da Religião Cristã a cerca de quase quinhentos anos, vaticinaram.

– “Eis que farei novas todas as coisas, diz o Senhor, e vos darei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo, e farei que andem nos meus caminhos” (Ezequiel XXXVI, 26).

Por essa causa, São Paulo e seu primo Barnabé, chamados pelos primeiros convertidos ao Evangelho em Antioquia, para ali cultivarem a obra religiosa por eles iniciada, começaram a ensinar – a absoluta separação do judaico, para cujo efeito usaram o



seguinte argumento, depois também aplicado à Igreja Evangélica de Corinto, na Grécia:

– “Assim que, se alguém está em Cristo, *uma nova criação é: as coisas velhas já passaram*; eis que tudo se fez novo” (II Coríntios V, 17).

Eles ensinaram, portanto, que a Religião fundada por Jesus é um *fato inteiramente novo*, na história da humanidade: nova vida espiritual em Cristo, novas instituições, nova fé, novos ritos, nova esperança da imortalidade, novas relações fraternais santificadas pelo Espírito Divino, novo padrão de doutrinas para instrução da raça humana, por consequência – *nada de judaísmo* (II Coríntios, II, 14; Hebreus X, 1-10). Resultado: os evangélicos antioquianos separaram-se do sistema judaico, abandonando o templo e a sinagoga e as fórmulas daquele velho culto mosaico, e daí o serem chamados pelos descrentes de “cristãos”, para serem distinguidos dos seguidores de Moisés. E, como a qualificação ajusta-se perfeitamente à ideia nova de relações com o Deus que o Salvador pregou aos homens, essa nova denominação ficou assim adotada, como a mais própria à descrição da nova fé professada por aqueles seguidores do Mártir do Calvário.

E “cristãos” ficaram os seguidores de Jesus se chamando até o meado do IV século, não conhecendo outra designação.

“Católico”, na sua significação técnica original, quer dizer simplesmente *universal*, e foi um termo que nasceu do orgulho carnal dos homens, quando a apostasia da simplicidade evangélica entra na Igreja de Deus. Com o advento do papismo, em Roma, após o reinado imperial de Constantino, foi que apareceu essa nova classificação para a Religião de Jesus Cristo.

Aprecie S. Revma. como se deu esse fenômeno singular na história da Religião Cristã.

Tem a palavra o seu ilustrado colega, padre Guilherme Dias, no seu vibrante livro *Vozes da História*, páginas 45 e 46.

– “Quando Constantino declarou religião do Estado a Religião Cristã, e impôs como um dever aos seus súditos que a professassem, *assassinou o espírito do Evangelho*; não era, então, a fé, nem uma conversa sincera, que levavam o indivíduo para o seio da Igreja, mas, sim, a sujeição hipócrita às formas externas das cerimônias, para acatar a lei, satisfazer os desejos do monarca, ganhar o seu pavor, e assim poder aspirar as mais altas dignidades da Corte e do Império.

Multidões inconvertidas, manchadas com todos os erros do paganismo, invadiram a Igreja Cristã, e se chamaram seus membros. Desde então desapareceu a Igreja dos Crentes e ficou a Igreja da Legalidade.

Os bispos foram considerados dignatários do Estado, e o governo foi criando para eles, em suas atribuições eclesiásticas, a mesma centralização despótica que reinava na administração civil, e preparou, assim, a autocracia espiritual, que chegou ao seu apogeu no papado de Hildebrando. E afirma o grande Rui Barbosa, na sua obra prima *O Papa e o Concílio*: – “Como o mais acariciado ideal político do Império Romano era a dominação absoluta do mundo pelo poder das armas, tornou-se o sonho favorito do papado, dominar o universo pela tirania do dogma, e daí a inovação de um grande exército de celibatários, *perinde ac cadaver*, escravos de uma onipotência eclesiástica, para arrebanhar os povos do mundo em favor das pretensões ambiciosas do clericalismo”.

Aí está em palavras candentes mas verdadeiras, claramente traçadas a gênese do Catolicismo, tal como o temos, exatamente em todas as nações onde ele domina.

O seu desenvolvimento, entretanto, até chegar ao que presentemente é, não foi obra de pouco tempo, mas de séculos, não foi de origem divina, mas fruto direto da heresia pagã, como veremos no decorrer dessas considerações.

Os apóstolos e os primeiros ministros cristãos nunca foram sacerdotes, nunca vestiram hábitos talares, nunca rezaram missa e nunca se arvoraram em árbitros da consciência humana, em matéria de religião.

Não há um só texto da Bíblia que prove nenhuma destas pretensões clericais.

Nasceu com Bonifácio III e Gregório VII a presunção sacerdotal de um bispado universal, no sentido católico romano.

A ciência da eclesiologia bíblica, entretanto, nos ensina que os termos “pastor”, “bispo”, “ancião” e “presbítero” são expressões sinônimas, equivalentes, para significar o mesmo ofício – a função cristã, espiritual, democrática, genuinamente evangélica da superintendência de um rebanho de pessoas convertidas, de uma assembleia local de crentes, movidas pelos laços da fé comum em Jesus Cristo, enfim, o pastorado, e nunca um sacerdócio.

## **“Errais, não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus” – JESUS CRISTO (S. Mateus XXII, 29)**

Não foi inocentemente, sem aviso da sua culpabilidade, que os papas romanos transformaram o Cristianismo simples e puro dos Evangelhos no Catolicismo que vemos hoje em dia, nessa chamada “religião da maioria do povo brasileiro”.

Escutemos as divergências proféticas, o que dizem os reiterados avisos do Divino Fundador do Cristianismo e dos seus apóstolos, de referência a esse tremendo fenômeno da mais deplorável apostasia de que há menção na história da cristandade.

Tem a palavra, em primeiro lugar, o grande mestre da humanidade, e o que Ele diz merece consideração por quantos estudam esta matéria de tanta importância.

Brigavam os filhos de Zebedeu, Thiago e João, apóstolos, sobre “qual deles deveria ser o maior no reino de Deus”; e a mãe deles, para resolver a questão, correu a Jesus, com este pedido, filho da ambição e do orgulho humanos: – “Senhor, quero que estes meus dois filhos se sentem, um à tua direita e o outro à tua esquerda, no teu reino”. – “Vós não sabeis o que pedis, responde o Mestre. Sabeis que os que julgam ser príncipes das gentes, delas se assenhoreiam, e os seus grandes usam de autoridade sobre eles; *mas entre vós não será assim*; antes, qualquer que entre vós quiser ser grande, será vosso servo; e qualquer que dentre vós quiser ser o primeiro, será servo de todos. Porque o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (S. Mateus XX, 20-28).

Este passo evangélico condena, em absoluto, a ideia do papado. Mas vamos adiante.

São Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, é considerado pela teologia católica como o primeiro papa romano. Eusébio, historiador eclesiástico do século VII, para justificar a ideia de papado, que sempre foi combatida pelos que liam e compreendiam as Escrituras Sagradas, incluiu na sua chamada *História da Igreja* a lenda então em voga nas sacristias dos mosteiros, da estada de São Pedro em Roma chefiando papalmente a Igreja. Ora, a crítica histórica imparcial e a análise bíblica já desmentiram fartamente essa presunção lendária em favor do papado. Mas, ainda assim, se isso fosse verdade, o próprio São Pedro o confirmaria, pois não se pode conceber que o santo apóstolo do Salvador usasse de duplicidade de caráter, qualidade só própria dos que não tem convicção verdadeira.

No ano 64 de nossa era, quando segundo as afirmações clericais, São Pedro devia estar em Roma, ele mesmo escreve, da Ásia, aos seus colegas e irmãos na Caldeia, estas palavras que são as mais veementes condenações ao papado:

– “Aos anciãos – pastores – que estão entre vós, admoesto eu, que sou justamente como eles, ancião e testemunhas das aflições de Cristo, e participante da glória que se há de revelar.

– Apascentai o rebanho de Deus, que está entre vós tendo cuidado dele, *não por força, mas voluntariamente: nem por torpe ganância, mas de um ânimo pronto, nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho*. E, quando aparecer o Sumo Pastor – Jesus Cristo –, alcançareis a incorruptível coroa” (1ª Epístola de S. Pedro, V, 1-4).



Nessa passagem evangélica o apóstolo São Pedro considera-se igual aos outros pastores, em função ministerial, logo, ele nunca foi papa.

São Paulo, que se converteu ao Cristianismo oito anos depois da Tragédia do Calvário, também é considerado companheiro de São Pedro, na fundação do papado. De fato, dos apóstolos de Jesus Cristo foi o único que esteve em Roma, e até lá foi martirizado pelo processo de decapitação, por ocasião de sua segunda prisão, quando dominava o Império Romano o monstruoso Neto. Mas o grande “doutor dos gentios na fé e na verdade” também nunca foi papa, nem apoia a ideia de papado.

Vejam-se as suas exortações cautelosas aos cristãos da Ásia Menor, na cidade de Tessalônica, escritas de Corinto, na Grécia, a propósito das inquietações daqueles irmãos quanto ao Segundo Advento de Jesus Cristo ao mundo e ao futuro da Cristianidade.

– “Ninguém de maneira alguma vos engane; porque aquele dia não virá sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem ao pecado, o filho da perdição; o qual se opõe, e se levanta sobre tudo o que chama Deus, ou se adora; assim que assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus” (2ª Tessalonicense II, 3-9).

Haverá coisa mais clara do que essa? Quem é que se chama *Vicarius Filis Dei*? Todo mundo sabe que é o papa. Ora, “vigário” quer dizer – *gerente, substituto, lugar-tenente d’alguém*. O papa chamando-se a si próprio “vigário de Cristo”, *ipso facto*, assume a função de substituto, gerente e lugar-tenente de Jesus Cristo. Mas, se Cristo é Deus, como Ele próprio o disse: – “Eu e o Pai somos um”; e São João, pelo Espírito Divino, o confira: – “No princípio era o verbo, o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus, e o verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e verdade” (Evangelho de S. João I, 1-14); então, ele possui também os dons de ubiquidade, privativos somente da Divindade Suprema: onipotência, onisciência, onipresença (Salmo CXXXIX, 1-18). Portanto, para que um homem possa ser o substituto de Deus, é preciso que ele possua aquelas virtudes divinas e mais ainda, seja santo como o próprio Deus.

Onde foi que os papas já revelaram essas qualidades de super-homens? A história dos papas, a começar mesmo do apóstolo São Pedro, está cheia de apostasias, de crimes, de pecados monstruosos, de traições, de venalidades, de simonias e de imoralidades de toda ordem, fatos estes que fazem tremer de horror os pesquisadores mais sensíveis da História.

Pedro negou a Jesus; Lino foi herético; Anacleto foi plagiador; Clemente pregou mentiras; Xisto foi orgulhoso; Higino foi inovador; Pio I foi imoral; João XII foi ateu e perjuro; Alexandre VI foi o pior devasso da Europa, com seus filhos Lucrecia e César Borgia; Gregório I foi usurpador; Joana, a papisa, messalina de um cardeal; João III fomentador da Inquisição na península Ibérica; Clemente VII simoníaco; Gregório VII soberbo e arrogante; Calixto I intrigante e dilapidador; Benedito I incestuoso; Pio IX inovador herético; e assim por diante, quase todos os papas, com raríssimas e honrosas exceções, estiveram longe de imitar a Jesus, como o Oriente ao Ocidente.

E nessa citação, é preciso que se note, vai apenas um pequeno número dos papas que, segundo o testemunho insuspeito da História, em nada corresponderam ao títu-

lo de “vigário de Cristo”. Leia-se, por exemplo, Alexandre Herculano, Almeida Garret, Maurice Lachâtre, Lindsay, César Cantu, Janus, Rui Barbosa e tantos outros historiadores imparciais e insuspeitos, os quais não escreveram apenas para satisfazer tendências sectárias, e ver-se-á a verdade de todas as afirmações desabonadoras do ministério cristão dos papas. Pelo que, à luz de todos estes fatos inexoráveis da História, concluímos que o papado é contrário a Bíblia, à índole democrática do Cristianismo, à razão e à experiência universal da cristandade. Consequentemente, não é para admirar que contra ele e o seu sistema de religião se levantasse a consciência verdadeiramente cristã, através dos séculos, até culminar na grande revolução religiosa da Idade Média, chamada pelos luteranos – Reforma Luterana.

Dizer o contrário disso é não compreender a filosofia da História ou fingir ignorância quanto às decisões do seu tribunal inapelável.

**“A religião de Jesus Cristo é tudo, menos embuste, menos ambição, menos crueldade, menos orgulho. Tudo menos comerciar com a alma do cristão. Tudo menos o mal” – Emílio Castelar  
(Discursos Parlamentares)**

Com um grande escritor português que também abordou o tema dessa tese que ora desenvolvemos, também exclamamos, repassados de sinceridade:

– “Sinto uma grande dor, confesso-o, ao ler que tocar, com a mão imparcial e severa crítica, no tesouro das crenças que almas piedosas guardam como em arca bendita, e elas têm como um legado sacrossanto das gerações passadas. Porém Deus, a consciência e a liberdade estão muito acima de todas as considerações, de todos os respeitos e de todos os interesses humanos; e o dever mais imperioso, mais sagrado e mais imprescindível é proclamar a verdade sem outro fim que o que impõe a justiça e a mútua caridade”.

Ou como já muito bem disse o ilustrado padre Guilherme Dias, em *Vozes da História*, pág. 58:

– “É dever de todo o homem livre não aceitar às cegas um legado de fé dos seus antepassados sem inquirir por si mesmo qual seja a verdadeira religião do Evangelho”.

É o que estamos fazendo, com estas considerações sobre a origem do Protestantismo.

O Sr. padre Moisés Ferreira afirmou com autoridade do seu sacerdócio, que a Religião Evangélica foi fundada por Lutero. Mas nós já provamos, irrefutavelmente, que Lutero foi apenas um acidente na história do Cristianismo.

Ernesto Renan, estudando também o Cristianismo, tão impressionado ficou com a atividade assombrosa de São Paulo, que escreve o livro *A Vida de São Paulo* para provar que o fundador da Religião Cristã foi o “apóstolo dos gentios” e não Jesus Cristo.

Entretanto, para quem estuda, com absoluta isenção de ânimo, os fatos do grande fenômeno religioso no mundo hodierno, em relação ao Cristianismo, não pode escapar à conclusão inevitável de que São Paulo, Pierre Valdo, Wicliffe, Jan Hus, Lutero, Calvino, João Knox, D. L. Moody, Wesley, Zwinglio, Thomas Münzer e tantos outros *leaders* do departamento cristão, nada mais foram que meros instrumentos da Providência Divina, na longa cadeia histórica dos defensores do puritanismo religioso, para desentranhar o Evangelho do esconderijo em que o tinham encarcerado os mantenedores da apostasia medieval.

Começa mais ou menos, aí pelo meado do século IV, a apostasia e corrupção do Cristianismo apostólico no Império Romano, com a entrada de Constantino, o vencedor de Maxêncio, na Igreja Cristã, que estava em Roma, e depois da morte do Imperador a degenerescência espalhou-se por toda a parte aonde chegara a religião do Crucificado, como o fermento da parábola evangélica levedando toda a massa da doutrina cristã.

Jesus Cristo, presciente desse fato deplorável, já havia, entretanto, vaticinado:

– “Acautelai-vos, que ninguém vos engane; porque virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo; e enganarão a muitos. E surgirão muitos falsos profetas, e enganarão a



muitos. E surgirão falsos cristãos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganaram até os escolhidos”. (São Mateus XXIV, 4, 5, 11 e 24). E São Pedro, a quem S. Revma. e a sua Igreja chamam “o primeiro papa”, na sua Segunda Epístola II, 1-3, também avisou, escrevendo no ano 65 da nossa era:

– “Também houve, entre o povo antigo, falsos profetas, como entre vós haverá falsos doutores, que introduzirão encobertamente heresias de perdição, e negarão o Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina perdição. E muitos seguirão as suas dissoluções, pelos quais será blasfemado o caminho da verdade. E por avaréza farão de vós negócio com palavras fingidas”.

E São Paulo ainda é mais claro, traçando a operação do erro e da iniquidade, “a abominação da desolação no lugar santo”, com diz o profeta Daniel:

– “Mas o Espírito, expressamente, diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrina de demônios; os quais com hipocrisia de homens que falam mentiras, tendo cauterizada a sua própria consciência, proibirão o casamento e ordenarão a abstinência dos manjares que Deus criou para os fiéis, e para os que conhecem a verdade, a fim de usarem deles com ações de graça”.

Não obstante todos estes anúncios da Palavra de Deus, porém, a obra da apostasia começou a sua atuação fatal até o século XVI, quando já a Renascença Luterana na Europa agitava os homens fazendo-os arrebetar os grilhões da escravidão feudal, de execrável memória.

O imperador Constantino classificou-se “Pontífice Máximo” da Igreja; Bonifácio III chamou-se “Bispo Universal”; Gregório VII proibiu o casamento do clero e instituiu o celibato obrigatório; Atanásio introduziu no culto público as imagens de escultura; Félix IV inventou a extrema-unção; Leão I inovou a quaresma; Pedro Gnafeo, patriarca de Constantinopla, introduziu na Igreja a inovação dos santos; Agapito I inventou as procissões; Gregório I inventou a missa; Alexandre III decretou a canonização dos santos; Lúcio III ordenou a confissão auricular, por meio do Concílio de Latrão; e, finalmente, o papa Pio IX inventou o dogma da infalibilidade papal e o da imaculada concepção de Maria. Mas nenhuma destas inovações romanistas passou sem protesto veemente, por parte dos que, crentes na Bíblia e leais a Jesus Cristo, nenhum interesse tinha em paganizar a Igreja do Filho de Deus. Grupos numerosos, aqui, ali, acolá, na Europa e na Ásia, repeliam com desassombro a incursão audaciosa da heresia pagã nos arraiais cristãos, preferindo, por essa causa, o ódio dos heresiarcas à maldição de Deus, como está escrito:

– “Porque eu testifico e todo aquele que ouvir as palavras da profecia deste livro que se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus fará vir sobre ele as pragas que nele estão escritas; e se alguém tirar quaisquer palavras dele, Deus tirará a sua parte da árvore da vida e da cidade santa”. (Apocalipse XXII, 18, 19).

Daí as perseguições que sofreram, a inquisição cruel de que foram vítimas, os massacres com que foram destruídos, a miserável carnificina que sobre eles fizeram Inocêncio III, Torquemada, Domingos de Gusmão, Clemente VII, Ignácio de Loyola, enfim, os papas e reis que pretenderam dominar absolutamente a consciência da humanidade.

As tragédias monstruosas em que foram massacrados, os valdenses, os albigenses,

os maometanos, por ocasião das Cruzadas, Savonarola, Jordano Bruno, Galileu, Jerônimo de Praga, Trindade, Jan Hus e muitos outros varões ilustres, antes e muito antes de Lutero, demonstram, evidentemente, que já havia protestantismo antes da Reforma do século XVI, no fato dos que, ansiando pela verdadeira liberdade em Cristo, não curvavam o pescoço à gargalheira da escravidão ultramontana.

Foi o que sucedeu com Lutero, o grande reformador alemão, como veremos no artigo a seguir.

**“Aceitamos a Reforma como um fato providencial, e a Lutero como um instrumento de que se serviu a providência divina para realizar este seu alto designo” – ABREU LIMA (*As Bíblias Falsificadas*, pág. 41).**

O clero romanista, inclusive o Sr. padre Moisés Ferreira, na ânsia de achar um ponto vulnerável para por ele fulminar o Protestantismo, contando com a ignorância popular em questões de história e de religião, fazem de Lutero e da Reforma Religiosa, que ele produziu na Europa, no começo do século XVI, o maior cavalo de batalha deste mundo. Raro é o clérigo, o sacristão, o beato, o rezador devoto, o romanista mais ou menos enfronhado em reles conhecimentos das cartilhas de sua grei, para quem Lutero e Calvino e os demais reformadores não sejam os tipos mais abomináveis que o mundo já produziu: “apóstatas, devassos, imundos, canalhas do extremo da significação moral”, eis o que eles são, no conceito de tal gente; e ninguém que se atreva a contradita-la com a verdadeira história na mão, porque se escapar de ser linchado fisicamente, por não existir mais a *Santa Inquisição*, pela violência brutal elevada à categoria de defesa religiosa, será moralmente excomungado pela ignorância e o fanatismo, tomados árbitros da consciência e do destino humanos.

E o grande *argumento* para tudo isso se baseia numa futilidade – a conservação da “religião de nossos pais”.

Entretanto, a lógica, a razão, o bom senso, a consciência da verdade, estão a dizer, que a grande questão e o grande dever não é seguir uma religião, que foi a de nossos pais, mas sim, *sentirmo-nos regenerados pela religião, que seja a das nossas convicções*.

E é o exame em matéria de religião o mesmo que a análise e a experiência no campo das investigações científicas, no estudo do homem e da natureza.

Em torno da verdade religiosa, foram, como já vimos, com o andar do tempo, crescendo e acumulando-se lhe superstições estranhas, que a tendência geral da idolatria no coração humano, e a sede do domínio que as teocracias fizeram germinar. A tirania clerical tem querido sempre entronizar sua autoridade onímoda, atribuindo-se o exclusivismo da interpretação das Sagradas Escrituras; tem querido sempre que a sua voz *infallível* seja a única que se ouça e atenda, esforçando-se em reduzir ao silêncio a voz da consciência particular, que ela abafa com a mordaza dos seus anátemas caducos e com o ferro e o fogo de suas perseguições. Porém Deus, em nome dessa mesma consciência indignada, suscitou os profetas da antiga dispensação, estes tribunos independentes da liberdade religiosa; fez aparecer de repente, em todos os tempos, homens que “não trajam púrpuros como aqueles, nem habitam em palácios de reis”, mas sim, rudes campeões da virtude, que, como o Batista, fazem tremer os tiranos e os sumo sacerdotes com o eco da sua voz potente, que ressoa desde o deserto, e que clama aos seus ouvidos: – “Raça de víboras quem vos ensinou a fugir da ira vindoura?” (São Mateus, III, 7).

Lutero, Revmo. Sr. padre Moisés Ferreira, foi apenas um destes profetas destemidos, que apareceu ao seu tempo e para o seu povo, com uma grande missão a cumprir, em favor da humanidade.

Eis o que dele diz o ilustrado escritor pernambucano do século passado, Gen.



Abreu Lima, no seu importante livro – *Duas Respostas*, pág. 41:

– “A Providência Divina nunca erra: escreve sempre direito, ainda que por linhas tortas – escolheu para caudilho da maior revolução do mundo moderno o homem que mais convinha – eis aí Lutero!”

E outro escritor, francês, analisando a obra da Reforma, diz:

– “E as condições que requeria semelhante empresa, não podem ser olvidadas: erudição superior, caráter modelar, ambição religiosa ilimitada, vontade de ferro, coragem invulgar, audácia incomparável, consistência de princípios, a maior autoridade teológica da sua época, insigne apóstolo da liberdade de consciência – eis aí o homem que abandonou o mundo. Lutero!”

Não é para admirar o pavor que ele ainda causa a S. Revma. e aos seus colegas de clericalismo, não obstante morto já há 400 anos!

– “Roma – diz o douto padre Guilherme Dias – é um calvário de atrocidades, sacrilégios, escândalos e corrupção. Quando Lutero, esse grande benemérito da humanidade, foi a Roma, depois de ter atravessado a metrópole do Catolicismo, e depois de ver e ouvir o que se passava na Roma cristã levantou os olhos ao céu, bradando: – “Mas isto, Senhor, não é Roma, é Babilônia!” (*Vozes da História*, pág. 163).

E era, em verdade, a Babilônia da corrupção, que se tem refletivo nas nações onde ela ainda hoje domina.

E era, em verdade, a Babilônia da corrupção, que se tem refletido nas nações onde ela ainda hoje domina.

Aí está, Revmo. Sr. padre Moisés Ferreira, o primeiro brado da revolta luterana, que produziu a Reforma.

Eis como Maurice Lachâtre descreve a corrupção do Cristianismo naquela época de trevas e de apostasia evangélicas:

– “A degenerescência religiosa estendera-se por toda a parte, no vasto Império Romano, mas era Roma convertida num verdadeiro bacanal, onde dominava a devassidão. Era ali que se reuniam as belezas feminis para satisfazer a concupiscência dos cortesãos do pontífice; de toda a parte acudia o ouro, as riquezas, produto de largos impostos com que se oneravam as consciências. Para criar essa espantosa receita, abriu-se público comércio das indulgências e perdões. Fazia-se um negócio vergonhoso, em nome de Cristo e do Calvário. Assim enriquecida, Roma era o *rendezvous* do mundo inteiro. Contava-se nesse tempo 45 mil cortesãs inscritas nos registros do Vaticano, pagando cada uma, imposto especial. Quando o pontífice queria recompensar um prelado por serviços extraordinários, dava-lhe como prebenda cem cortesãs escolhidas. Rosa Vanoza, Júlia Fanesse, Therezia, Impéria e tantas outras princesas da formosura contemporânea serviram de messalinas a padres, cardeais e papas.

Roma naquela época voltava aos tempos do paganismo; quando Leão X saía do Vaticano para a Igreja de São João de Latrão, erguiam-se nas ruas arcos de triunfo encimados com estátuas profanas. Vênus tentadoras, figuras de mulheres nuas, representando as mais famosas hetairas daquela época de devassidão sem igual nos faustos da história da humanidade”.

Foi precisamente nessa época de vício e desmoralização, que Lutero entrou em

Roma. A sua grande alma de crente recebeu em cheio um golpe profundo. O austero frade chorou lágrimas de sangue, diante de tais infâmias, pelo espaço de muitos dias a si mesmo perguntava se era realmente em Roma que se achava, pois que a imagina um paraíso de pureza e santidade cristã.

Entretanto, desgraçadamente, era a crua verdade! O papado havia adulterado a pureza da fé primitiva; a religião saída das catacumbas, cimentada com o sangue de milhões de mártires e sustentada pela palavra de ardentes apóstolos convictos, era coisa muito diferente do que Lutero vira na capital do Catolicismo. A humanidade, a espiritualidade e a pureza, pregadas por Jesus, desapareceram, e em lugar delas, a desmoralização invadira Roma e o mundo católico.

Quando o frade do Convento de Santo Agostinho, na Alemanha, voltou ao seu país, já a semente da revolta contra a apostasia católica estava na sua alma de crente piedoso e sincero.

A pregação das indulgências feita por João Tetzel, à ordem do papa Leão X, contra a que Lutero se insurgiu, depois disso, em Wittenberg, foi apenas o rastilho cuja explosão produziu a Reforma, que, entretanto, não foi obra de um dia, mas de muitos anos, a seguir daquele fato inicial.

E, todavia, até 1526, cerca de nove anos depois, quando já a Reforma era vitoriosa na Alemanha e nos países centrais da Europa, *ainda não era conhecido o termo “protestante”* como qualificativo dos reformados. Só a partir dessa data foi que ele apareceu como tal, e é isso o que veremos no próximo artigo.

**“Cristo não escolheu uma determinada localidade para aí concentrar a sua doutrina; seus seguidores são os homens que o entendem, e fazem a sua vontade; seu templo não é o Vaticano, é o mundo inteiro”**  
– Saldanha Marinho (*A Igreja e o Estado*).

Em vão, o sacerdócio romanista impõe aos crentes a necessidade de si manterem na “religião de seus pais” apelando para o sofisma histórico que deforma a personalidade moral de Lutero, e calunia a obra da Reforma; em vão ainda o escolasticismo, armado dos raios do Vaticano, manda *jurar in verba magistri* recitando o seu velho e clássico – *Roma locuta est; causa finita est!*

O exame em religião e a observação científica estão triunfando [ilegível] e cada dia e cada vez mais vão alargando o círculo de suas admiráveis conquistas. Os que creem no Evangelho e no progresso, como a realização alvissareira de uma missão divina e providencial do homem no mundo, pode dizer aos impugnadores da luz cristã, o que Galilei, herói e mártir da verdade científica, dizia do nosso planeta ante os seus perseguidores e verdugos – *Apesar disso, por si se move*. Sim, contra a vontade de S. Revma. e a de quantos igualmente opõem embargos à propagação da verdade evangélica, o mundo marcha, e marchará sempre, a despeito da persistência do obscurantismo em querer memorar, pelo terror e pela mistificação, o progresso e a perfeição do espírito humano.

Não defendemos Lutero, em tudo quando ele disse, e fez; porque não seguimos a sua pessoa e nem pregamos as duas doutrinas, visto que nosso mestre é Jesus Cristo e a nossa pregação é extraída da Bíblia Sagrada, a Divina Revelação que testifica do salvador dos homens – sua vida, sua morte expiatória, sua ressurreição gloriosa e sua doutrina sem igual na história da humanidade.

Homem do seu tempo, produto do seu meio, criatura humana falível, Lutero, malgrado ter sido o que foi, cometeu muitos erros, caiu em muitas falhas, conservou muitas heresias do romanismo e introduziu costumes heterodoxos na igreja que estabeleceu como resultado da Reforma.

(Ilegível) A autoridade indiscutível do absolutismo do dogma e tantas outras teorias semelhantes são patrimônio luterano, que ainda se conserva no seio de muito Protestantismo que há por aí afora.

Entretanto, justiça lhe seja feita, ele fez o que pode, e soube, consoante as oportunidades e a luz que teve, pois não se poderia esperar mais de um homem, filho de uma época que foi a noite da civilização e o cárcere do pensamento humano. Só com o ter libertado a consciência religiosa da tirania eclesiástica, prestou o maior serviço ao mundo contemporâneo e à civilização hodierna, pelo fato que, foi só depois da revolução produzida pela Reforma que, no decorrer do tempo e durante sucessivas gerações, surgiram as outras revoluções históricas que mudaram quase completamente a face do mundo, abolindo radicalmente sistemas obsoletos de filosofia e política, arrancando as garras de todas as modalidades de escravidão.

A primeira destas revoluções, Reverendo Sr. padre Moisés Ferreira, *foi a da nobreza e do povo alemães na Dieta de Espira, em 1526 e 1529*, quando ante a pretensão do im-

perador Carlos V de subjugar a consciência livre dos seus súditos, estes ousaram erguer o veemente protesto contra a conspiração dos seus direitos e o espezinhamento de sua liberdade, o qual ficou classificado na História como “O Protesto de Espira”.

Tais homens de notabilidade política e representação social na Europa, como Jorge de Brandemburgo, Ernesto de Luxemburgo, João da Saxônia, Filipe de Hesse, Wolfgang de Aubalt e outros ilustres representantes das cidades imperiais de Nuremberg, Ulm, Constância, Lindau, Memmingen, Kempten, Nordiligen, Heilbronn, Rentlingen, Isuy, Stº Galk, Werssenburg e Widsheim – redigiram, assinaram e enviaram ao Imperador o seguinte memorial, em forma de protesto:

– “Em questões que dizem respeito à glória de Deus e à salvação da alma, de cada um de nós, é nosso imperioso dever... (ilegível)... e por causa das nossas próprias consciências, respeitar, antes de tudo, ao Senhor nosso Deus e dar-lhe conta de nós mesmos” (*História da Reforma* por T. M. Lindsay, pág. 32)

E a história nos diz, Sr. padre Moisés Ferreira, que foi deste protesto dos cidadãos livres da grande e culta Alemanha, *que nasceu para os evangélicos, os cristãos reformados a denominação de PROTESTANTES.*

Mas quem aplicou esta classificação *foram os seus inimigos católicos romanos*, contra a qual não nos rebelamos, porque, como se vê S. Revma., ela tem uma origem que nos honra, em lugar de nos deprimir.

E, todavia, se a questão é por um título sermos chamados, preferimos mil vezes o de *cristãos evangélicos*, porque é este o que mais nos honra e nos engrandece, visto ser este o que mais representa a nossa fé, a nossa doutrina, a nossa esperança da imortalidade, o laurel das nossas conquistas no passado e o penhor da nossa glória futura.

Somos, antes de tudo, crentes em Jesus Cristo e na Bíblia, porque esta contém tudo quando Deus quer que saibamos, em relação à ciência religiosa, por isso que, à semelhança do Divino Mestre, dos seus apóstolos, dos primitivos cristãos, mártires da intolerância pagã, e de todos os servos de Deus, livres e independentes, de que nos fala a História – protestantes contra todas as inovações, abusos, heresias, corrupções e apostasias, tradições, mentiras e hipocrisias que os homens em Deus e sem conversão introduziram na religião de Jesus Cristo.

Pouco ou nada nos incomoda, não pertencemos, por isso, à “religião da maioria do povo brasileiro”. A religião de Cristo sempre foi *a da minoria dos pecadores convertidos e regenerados pela graça de Deus* – o único fator que tem o poder de melhorar os homens e fazê-los verdadeiramente felizes.

Eis o que Ele disse, em referência a essa debatida tese:

– “Porfiai em entrar pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que vão por ele. Porém, estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que o encontrem” (S. Mateus VII, 13-14).

Pelo que, aí tem S. Revma., o fato que o Protestantismo ou a Religião Evangélica *não se originou com Lutero*, mas com Jesus Cristo, nosso Senhor.

Arrenda-se, Sua Reverendíssima, dos seus pecados, aceita Jesus Cristo como seu único e suficiente Salvador, e verá como é muito melhor ser protestante.

## **Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus ou se fala de mim mesmo (S. João, VII, 17).**

Mais algumas considerações e teremos terminado esta defesa à integridade moral da Religião Evangélica.

Ainda disse na matriz de Estância, S. Revma. o Sr. padre Moisés Ferreira – que a “tradição é mais importante do que a Bíblia, porque é mais velha do que esta”. Em seguida, para justificar talvez as perseguições, até a mão armada, que a sua Igreja tem feito, em todos os tempos, aos que lhe rezam pela mesma cartilha “tradicional”, declarou, arrogantemente judicioso:

– “Os protestantes acusam a Igreja Católica de intolerante, mas essa intolerância é uma questão de princípios”.

Respondamos a S. Revma., por partes.

A *tradição!* – eis a grande escapatória do romanismo, para fugir à responsabilidade de sua desobediência à Palavra de Deus!

Mais que *tradição* é esta, que lhe não conhecemos a fonte, as doutrinas, o sistema, a organização literária dos seus preceitos, a codificação de suas leis sagradas?! Ninguém pode dizer onde está, quando foi feita, quem a autorizou e como chegou até nós.

É uma autoridade abstrata, *milagrosa*, arbitrária, para a qual se apeia como para um ente misterioso, onipotente e soberano, mas cuja existência nem mesmo os seus defensores sabem explicar satisfatoriamente.

Senão, como compreender a sabença doutrinal de S. Revma., quando, após afirmar, jactancioso de um grande triunfo oratório, que a “*Tradição* é mais importante do que a Bíblia”, para corroborar semelhante doutrina, citou uma passagem da própria Bíblia, no Evangelho de S. João XX, 22-23, que diz:

– “Recebi o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados lhe são perdoados; aqueles a quem os retiverdes lhes são retirados”. Se a Bíblia é menos importante que a *tradição*, como é que pode dar-lhe valor?!... Não é possível! Se essa tão decantada *tradição* tem, de fato, esse valor que S. Revma. e a sua Igreja lhe dão, então ela que *prove por si mesmo* a sua importância, e não vá buscar justificação na Bíblia, que lhe é inferior. Mas, se busca essa justificação, é porque essa tão alardeada superioridade tradicional *não existe* visto como não passa de um sofisma engenhoso para fugir à verdade evangélica.

Os judeus contemporâneos de Jesus também apelavam para a sua “Tradição dos Anciãos” com o fim de contraditar o ensino cristão, cheios igualmente de jactância sectária (S. Mateus XV, 2). Mas eles pelo menos tinham o Talmude, o volume escrito, em que estavam codificadas as doutrinas dos seus doutores, escribas, fariseus e mestres, as quais constituíam para eles, uma segunda Bíblia, e foi firmado nas suas decisões e interpretações paradoxais, que eles perseguiram, prenderam, maltrataram e crucificaram Jesus, e se tornaram os mais encarniçados inimigos do Cristianismo.

Mas, afinal, para S. Revma. e a sua Igreja, o que é *Tradição*? O Concílio de Trento, convocado por iniciativa de Ignácio de Loyola para opor reação ao movimento protestante, em 1546, no decreto primeiro da sua sessão quarta definiu a *tradição* como “a



palavra não escrita, transmitida desde os apóstolos até os nossos dias”.

Ora, Revmo. Sr. padre Moisés, se o que se confia ao papel, e fica registrado em caracteres legíveis, documentado, por assim dizer, muitas vezes é mal interpretado, truncado, torcido e até suprimido e perdido, para dar ganho de causa a interesses pessoais inconfessáveis, a paixões sectárias, a injunções políticas e a mil outras tramas do egoísmo humano; como se pode conceber que a palavra não escrita, a mera palavra falada chegasse até nós, vinda dos lábios de Jesus, pura e perfeita?! Impossível, absolutamente impossível! Haja vista o fato testificado pela História – que os papas e os concílios discordaram entre si sobre pontos essenciais de doutrina, brigaram, se anatematizaram reciprocamente e se separaram, como demonstra, ainda hoje, a Igreja Ortodoxa Oriental, separada do papado. Que fez a *tradição*, que não decidiu harmonicamente tantas contendas?!

Não, senhores da clerezia. Essa chamada *tradição nunca existiu, na economia cristã*, por isso que não tem valor nem autoridade alguma. A Bíblia nos fala de *tradição*, em II Tessalonicense, II, 15, usando o vocábulo no plural (*tradições*); mas se S. Revma. conhece o original grego, a língua em que foi vertido o Novo Testamento, inicialmente deve saber que a palavra usada para *tradição*, naquela língua, é PARADOSIS, e, conforme o testemunho dos mais eminentes filólogos e clássicos, é apenas sinônimo de PALAVRA ESCRITA. Pois, o que os apóstolos ouviram de Jesus e deduziram da leitura e meditação constante (II Timóteo, 13-17). Fora disso, o que encontramos, da parte de Jesus Cristo, é a mais formal condenação a esse apego supersticioso à *tradição*, à palavra humana. Senão, veja-se como, indignado, o Divino Mestre fulminou os tradicionalistas com a potência do seu verbo incomparável:

– “Em vão, porém, me honram, ensinando doutrinas que são mandamentos de homens. Bem invalidais o mandamento de Deus para guardardes a vossa *tradição*, que vós ordenastes”. Por que, pois, deixando o mandamento da Deus, retendes as *tradições* dos homens, e fazeis outras coisas semelhantes?” (S. Marcos VII, 1-13).

Os primeiros pastores e doutores cristãos que foram mais fiéis a Jesus Cristo e leais ao patrimônio sagrado da doutrina evangélica, nunca reconheceram outra autoridade em religião, além da Bíblia.

Citemos somente alguns deles, para edificação de quantos nos leem, com desejo de aprender.

Eusébio, bispo de Cesareia, em nome de 300 bispos reunidos no Concílio de Niceia, no ano 325, escreveu aos cristãos do seu tempo:

– “Crede somente nas coisas que estão escritas; aquelas, porém, que o não estão, não penseis nelas, nem as examineis”.

Gregório, bispo de Niceia, em 379, dizia: – “Deixai que um homem se persuade somente daquela verdade que tem o selo do testemunho escrito”.

Cirilo, bispo de Cesareia, em nome de trezentos bispos reunidos no Concílio de Niceia, no ano de 325, escreveu aos cristãos do seu tempo:

“Nem ainda o infinio dos santos e divinos mistérios de fé deve ser transmitidos em as divinas Escrituras. Não me acrediteis quando vos falo destas coisas, senão tendes a prova do que digo na palavra santa. Porque a segurança e preservação da nossa fé não

são sustentadas pela habilidade da palavra humana, mas *pela prova da Sagrada Escritura*.

E Teófilo, bispo de Alexandria, em 412, é tão forte no seu protesto contra a tradição, que chega a dizer:

– “É obra de um espírito diabólico seguir os sofismas das falsidades humanas, e julga como divina alguma coisa que não esteja autorizada pelas Escrituras”.

Poderíamos multiplicar, à vontade, os testemunhos dessa natureza, contrários à tese romanista de S. Revma., mas o espaço não comporta e estes bastam para fazer prova aceitável da nossa defesa, quanto à autoridade única da Bíblia, em matéria de religião.

Agora, à luz de tudo que temos dito contra o decantado prestígio da *tradição*, bem podemos exclamar, parodiando o *Anjo apocalíptico*:

– “Caiu, caiu, reduzida a nada, a Babilônia” tradicionalista de S. Revma. o Sr. padre Moisés Ferreira!!...

Resta-nos, porém, analisar o último tópico do sermão de S. Revma. de referência ao Protestantismo, e então teremos terminado essa tarefa, que nos impusemos de não deixar passar em julgado sua furiosa investida contra o Santo Evangelho de Jesus Cristo.

**“O princípio mantenedor da paz e da segurança de todas as sociedades bem organizadas é a absoluta tolerância em matéria religiosa”  
– Saldanha Marinho (A Igreja e o Estado, pág. 555).**

Sua Revma. o Sr. padre Moisés Ferreira, sejamos francos, não foi feliz no seu sermão, na matriz de Estância, quando disse que – “A intolerância da Igreja Romana é uma questão de princípios”.

A intolerância religiosa, uma questão de princípios?! Mas, que “princípios” são esses, que justificam a intolerância?!

Princípios cristãos, humanitários, sociológicos, patrióticos – que qualidade de princípios?! A intolerância, seja ela qual for, já de si é a negação absoluta de todos os princípios alevantados, de todas as virtudes nobres e de todas as doutrinas sociais e cristãs. Porque consoante a doutrina bíblica de fraternidade humana, segundo o entender evangélico dos mais eminentes e cultos pensadores cristãos, conforme os luminosos postulados da filosofia democrática de que resultou a civilização moderna – a tolerância é o amor ou caridade cristã suavizando, pelo mais severo respeito aos alheios direitos naturais, os conflitos e as divergências sociais, é a complacência, filha da mais profunda piedade religiosa, cedendo nobremente aos outros a liberdade de crer que deseja para si, é, finalmente, o reconhecimento, teórico e prático, do fato teológico – que “o trigo e o joio” têm de crescer juntamente na seara do Mestre, e não compete aos lavradores, ou quem se arrogue tal função, arrancar este, para não suceder fique aquele prejudicado.

De acordo com o Evangelho, até os nossos próprios inimigos devem ter a liberdade para pregarem o que entenderem contra a nossa religião, só nos restando o recurso de nos defendermos, chamando-os evangelicamente, ao terreno da razão, ou então lançando mão das providências da lei, em casos extremos de agressão física.

Intolerância, uma questão de princípios!!... Mas, que princípios são esses, Revmo. Sr. padre Moisés Ferreira?! Essa bonita alegação católica – releve-nos a franqueza – é um belo chavão com que muita gente mal intencionada, hoje em dia, encobre propósitos inconfessáveis, esconde muito sentimento mau, ruim. Entretanto, se, como diz S. Revma., a sua Igreja foi fundada por Jesus Cristo, não pode e não deve fazer da intolerância uma questão de princípios, porque no mal não reside nenhum princípio bom.

Se, porém, S. Revma., por *intolerância* quer dizer, intransigência de doutrina, firmeza de convicções, lealdade à verdade até o sacrifício da própria vida, como outrora fizeram os mártires da fé cristã nas fogueiras imperiais do paganismo e nos anfiteatros romanos, então a questão muda de figura, a tese é outra muito diferente. Não confunda S. Revma. alhos com bugalhos. *Non confundetur.*

Uma coisa é a intolerância católica, como a tem praticado, em todos os tempos, a sua Igreja, sem quase solução de continuidade. Outra, radicalmente distinta, e bem diferente, é a firmeza de convicção cristã, que deve demonstrar nobremente, aquele que professa seguir a Jesus Cristo. A primeira tem sido a mancha negra na história do catolicismo, determinando, lamentavelmente, atraso na marcha da civilização. A segunda, elemento principal e integrante do caráter cristão, tem sido a causa alvissareira de tudo

quanto de melhor já alcançamos, nas conquistas do progresso e na perfeição do espírito humano.

Mas, para ser-se firme nas convicções e leal à verdade religiosa, não é preciso perseguir, coagir e excomungar o adversário, fazendo da intolerância arma de defesa.

Jesus Cristo, Revmo. Sr. padre Moisés Ferreira, protesta altissonante contra essa maneira *sui generis* de defender princípios religiosos.

Que princípios cristãos, por exemplo, foram defendidos pela igreja romana na matança cruel dos albigenses, no norte da França, pelo papa Inocêncio III, mediante a instrumentalidade da hiena Domingo de Gusmão, no massacre hediondo dos turcos, na Palestina, por ocasião do fanatismo das Cruzadas, sob o ridículo pretexto de “libertar o santo sepulcro do poder dos hereges”, na destruição abominável dos judeus na Península Ibérica pela Inquisição, de que fala Alexandre Herculano, na carnificina guerreira, dos Países Baixos, pelo feroz Duque d’Alba, às ordens do papa Paulo IV, aliado à política imperialista de Carlos V, na chacina diabólica da Noite de São Bartolomeu, na qual foram assassinados mais de vinte mil huguenotes, às ordens do papa contemporâneo, em louvor de cujo feito ele mandou rezar um *Te Deum* de ações de graças, na Basílica do Vaticano; no estrangulamento de Jean Boileau, na baía de Guanabara, aqui no Brasil, em nome da fé católica, pelo célebre Anchieta, carrasco da liberdade de consciência em terras da América do Sul; no queima de Bíblias que frei Celestino de Padavoli fez em Recife, em 1892, na porta da Igreja da Penha; no incêndio que os católicos fizeram ao templo evangélico em São José do Calçado, no Espírito Santo, há anos passados; no bárbaro apedrejamento que nós batistas sofremos, no Cedro, ali, junto de Propriá, da população há 4 anos passados, à ordem do Sr. padre Juvêncio Brito, hoje bispo de Caetité, na Bahia; finalmente, nas milhares de perseguições, violências, insultos e coações de toda ordem que nós protestantes sofremos ainda hoje, aqui mesmo no Brasil?! É essa intolerância católica, Revmo. Sr. padre Moisés Ferreira, que nós conhecemos.

Certamente, justiça se faça, nem todos os católicos aprovam esse sistema de defesa religiosa. Mas essa tem sido a forma porque a Cúria Romana tem defendido os seus princípios. Mas *Roma semper eadem*, senhores da clerezia. Quando não pode lançar mão da violência física vale-se da coação social. Então, o confessionário, a catequese sugestiva, os sermões incendiários, o monopólio de imprensa venal e covarde, a excomunhão pública para isolar o “herege” e jogá-lo no ostracismo social ou fazê-lo perder os recursos materiais de subsistência e mil outros expedientes de perseguições aos que não rezam pela sua cartilha – eis aí a intolerância católica!...

Às vezes ela se faz abertamente, outras vezes disfarçada na máscara da hipocrisia. Mas a sua ação funesta não deixa de se fazer sentir, quando a julgam necessária os seus executores.

Quais são, pois, os “princípios” que por tais meios de defendem?!

Lemos na Bíblia: – “Não é por força nem por violência, mas pelo espírito, diz o Senhor (Zacarias IV, 6). Jesus Cristo ensina: – “Amai a vossos inimigos, bendizer aos que vos maldizem, fazeis bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos caluniam, vos maltratam e vos perseguem”. (S. Mateus V, 44). O evangelista S. Marcos exemplifica:

– “E falando João, disse: – Mestre, vimos um homem que em teu nome expulsava

os demônios, e nós lhe proibimos, porque não seguia conosco.

E Jesus lhe disse: – Não lhe proibais, porque ninguém pode fazer milagres em meu nome e logo ser contra mim”. (S. Marcos IX, 38-40).

E o historiador S. Lucas corrobora a tolerância de Jesus, repreendendo os apóstolos Tiago e João, porque quiseram pedir fogo do céu contra os samaritanos e afirmando que *Cristo não veio para destruir os homens, mas para salvá-los* (S. Lucas IX, 51-56).

Por todos estes fatos, como se vê, Jesus Cristo ensinou e praticou a tolerância, na mais larga significação evangélica, não alegando necessidade de perseguição para defesa de princípios.

O Cristianismo, portanto, é a religião do amor, da paz, da liberdade, da tolerância, enfim, e é somente mediante o apelo à inteligência e ao coração, à razão, e ao sentimento que ele frutificará entre os homens, glorificando o nome do seu Fundador.

Nós não acusamos a Igreja Romana de intolerância. É a História, são os fatos, é a verdade contida nos autos de sua flagrância delituosa que depõe contra ela própria. Por essa causa a religião que produziu a civilização brasileira é responsável pela intolerância que por toda parte aqui se observa – em política, em literatura, em indústria etc., oferecendo o triste espetáculo que ora se verifica no cenário nacional, de intrigas, agitações, conflitos e desarmonias de toda ordem.

O romanismo nasceu da violência à pureza da fé primitiva, por isso que manter-se precisa da intolerância – aí está o Catolicismo! A Religião Evangélica originou-se do seu amor a Jesus Cristo e de sua lealdade às Sagradas Escrituras, por isso que para subsistir entre os homens só carece de tolerância e liberdade – aí está o Protestantismo!



# APÊNDICE

# JORNALISMO QUE SE IMPÕE

Ao espírito iluminado e culto do Dr. Xavier de Oliveira

Desde o tempo em que o grande Gutemberg inventou os tipos de impressão e saiu à luz da publicidade o primeiro órgão de imprensa no mundo – que surgiu, com essa instituição luminosa que tem derrubado políticas e civilizado os povos, a mais importante e sedutora profissão, reveladora de gênios, alavanca e martelo das nacionalidades – o jornalismo.

Tais e tão relevantes serviços têm prestado à sociedade humana, em todos os tempos, os infatigáveis obreiros da imprensa, que a experiência política das grandes nações bem governadas do globo não hesita em chamar à tarefa de escrever no jornal para orientar a opinião pública – “*o quarto poder no governo das massas populares.*”

E, com efeito, essa é uma verdade que não sofre a menor contestação, seja qual for o prisma pelo qual a encaremos.

Na sua humilde banca de trabalho, ou nas zonas movimentadas das ruas, nas grandes cidades, como nos rincões afastados do *hinterland* sertanejo, com a sua pena em ação traçando o artigo de fundo ou a nota social que há de deleitar ou contrariar o público leitor – incontestavelmente, o jornalista moderno é uma formidável potência, temida ou desejada, se ele, realmente vocacionado para o seu mister, sabe o segredo de dominar a alma das multidões que o leem.

Nestas condições o jornalismo é uma profissão que poderá ser usada para o bem e utilizada para o mal, consoante a direção que lhe derem aqueles que o fizerem, como todas as coisas boas neste mundo, susceptíveis de depravação e de corrupção. Mas, como a concepção do mal e do bem depende do modo de ver pessoal de cada indivíduo, dos que compõem as várias seções sociais em que está o universo dividido, segue-se que o critério jornalístico a ser adotado com o fim nobilíssimo de atingir sucesso verdadeiro – *não poder ser em harmonia com um ponto de vista rigidamente estreito e sectário*, seja ele de que natureza for, mas *com a opinião geral* da sociedade a que ele se destina.

Daí se colige que o verdadeiro jornalista, o jornalista moderno na acepção exata do vocábulo, o jornalista genuinamente popular e triunfante, como orientador do grande público para quem ele vive e trabalha – *não tem partido nem seitas especiais*. Seu partido e a sua seita são o bem coletivo e a orientação geral do povo.

Admite-se, natural e logicamente, que ele, filho do seu século, tenha as suas convicções pessoais e íntimas, em matéria de política ou de religião ou de ciência; porque no estado atual e nesta altura da civilização, ninguém, com um pouco de senso, pode ser neutro, em nenhuma das grandes ideias que se agitam no seio das comunidades humanas, representantes do patriotismo dos séculos que já se escoaram na ampulheta do tempo e no andar da história.

Porém, se o seu escopo, como obreiro da imprensa é *fazer jornal para todos os membros da comunhão social*, que constituem a sua esfera de atuação, sem distinção de credos e preconceitos, é claro que *não lhe é possível* cingir-se, estritamente, aos ideais de

qualquer seita ou partido, como apertado por tenazes de aço, sob a pena de não lograr aceitação geral da multidão dos seus leitores. Tal exclusivismo fá-lo antipaticamente sectário e restringe a sua orientação e influência aos estreitos limites de uma carta social apenas, com o manifesto desagrado dos outros elementos que compõem o resto da humanidade, donde a conclusão inevitável do seu fracasso, em lugar do seu triunfo.

Ante a vigência alvissareira dos princípios republicanos que nos regem, há lugar, não resta dúvida, para todas as seitas religiosas e partidos políticos que atualmente existem em toda a parte dessa nossa grande e livre América; e, certamente, a imprensa, alavanca do progresso, tem um grande e importante papel a representar na propaganda de todos eles, se quiser exercer essa valiosa missão de catequese social. E, felizmente, graças ao liberalismo do regime que nos governa, entre nós, propagam-se livremente todas as doutrinas sectárias, desde as mais belas e utopistas no seu idealismo transcendente às mais extravagantes e até perniciosas como fatores de demências mentais.

Mas isso não pode significar, absolutamente – que o jornalismo, que pretende se impor à consideração e à aceitação públicas, para quem ele existe, esteja na obrigação de perfilhar uma crença exclusivista qualquer das que se professam na sociedade, para impô-la ao público. Para que assim pudesse suceder, seria necessário que o público só professasse a sua ideia sectária e que tal ideia fosse legal e oficialmente imposta, a quem dela dissentisse.

Graças a Deus, porém, é fato que felizmente nenhuma nem outra, destas suposições, constitui plena realidade.

Em matéria de política, por exemplo, malgrado a vigência do regime democrático e em virtude mesmo de sua aplicação entre nós – no seio da grande massa popular, uns são republicanos, outros monarquistas, outros ditadoristas, outros parlamentaristas, outros constitucionalistas, e assim por diante, demonstrando patentemente este fato – que há tantas opiniões políticas quantas cabeças pensantes nos corpos das criaturas humanas que formam o agregado social.

E, quanto à religião, a situação não muda de figura; pois é fato incontestado que no pé em que a nossa Lei Magna a colocou, separando-a completamente do Estado, não somente o país *não tem religião oficial*, legal e militarmente imposta à consciência dos seus cidadãos, como também pela sequência lógica e judicial, oriunda da lei natural que Deus pôs na razão e na inteligência de todas as suas criaturas – as divergências são tantas ou mais do que mesmo no terreno político.

É fato incontroverso que a sociedade humana atual, mesmo entre nós, está dividida em – católicos, protestantes, judeus, maometanos, budistas, confucionistas etc., o que prova a grande verdade de que nem mesmo no terreno tão sagrado da consciência religiosa *não existe uniformidade religiosa* e nenhuma destas grandes ideias de religião pode ufanar-se de ser a fatora exclusiva da civilização do mundo. E é bem que assim seja. Em primeiro lugar a uniformidade, em tal caso, seria a morte da personalidade humana, pois, para que os homens se distingam uns dos outros, como seres racionais que se não confundem – é preciso que cada um pense por si e escolha o credo que lhe apraz à consciência esclarecida ou à predileção impelida pelo hábito das tradições hereditárias ou de raças não evoluídas.

Só onde há uniformidade absoluta – é *nos cemitérios, nas cidades solitárias das necrópoles*; mas a paz que dela resulta é a paz das coisas mortas e da tarefa silenciosa e corruptora dos vermes devorando os cadáveres em decomposição.

Onde há vida e consciência da própria existência, há agitação, movimento e divergência, porque é *na variedade que está a harmonia do universo*.

Não se pense, entretanto, que por estas razões deva o jornalismo contemporâneo *professar um credo eclético*, para assim satisfazer a todos os gostos, porque isso seria humanamente impossível e supinamente absurdo.

Sem hostilizar indebitamente a nenhuma crença, assim como sem demonstrar predileção especial para com qualquer uma, escrevendo para o público, a posição coerente do jornalista que aspira aceitação simpática à sua atuação – é *a de absoluto imparcialismo e o mais sincero respeito a todas as crenças e partidos*, mediante o reconhecimento do fato que todos tem a sua razão de ser e merecem um lugar na consideração dos homens de bem.

Daí a razão porque há órgãos de imprensa que são mais simpatizados e largamente circulados do que outros; por isso que o bem que fazem à sociedade, com a sua atuação benemérita, constitui o mais formoso laurel que cinge a fronte serena e límpida dos seus abnegados e liberais obreiros.

Este, a meu ver, é o jornalismo que se faz no *Correio de Aracaju*, por cuja causa deponho aos pés dos seus ilustrados diretores o preito espontâneo da minha homenagem e admiração sinceras.

Costa Duclerc

